

Banco do Rio Grande do Sul S. A.

Matriz em PÓRTO ALEGRE - Rio Grande do Sul
Rua Sete de Setembro n. 1109
Caixa Postal n. 505
Enderêço telegráfico: Banrisul

Agência Metropolitana
de São João
Rua São Pedro n. 574
Enderêço telegráfico: Joanrisul

Agência Metropolitana
do Passo d'Areia
Av. Brasiliano de Mbrals n. 98
Enderêço telegráfico: Areolisul

Agência do Rio de Janeiro - D. F.
Rua da Alfândega n. 21
Caixa Postal n. 1340
Enderêço telegráfico: Banrisul

Agência em São Paulo - S. P.
(a instalar)

✠

— Uma rede de 85 casas próprias no interior do Estado do Rio Grande do Sul —

"BAZAR PRIMAVERA"

de SIDOR SCHUCH

✠

Grande e varindo sortimento de arti-
gos para presentes em geral

Nos mais baixos preços

✠

Av. Presidente Roosevelt, 456

"Escritório "IBÁ"

≡

Requerimentos, Procurações, Regulari-
zação de Documentos, Recursos junto
aos I.A.P. e outras Repartições Públi-
cas, Compra e venda de casas, terre-
nos e automóveis, escritas avulsas, etc.

≡

ILMO BAULER

Rua Gal. Câmara, 394 — Fone: 7089
Pôrto Alegre

"Miguel Lemberg"

Mercantil Gaúcha

✠

Máquinas de Costura a vista e a prazo.

Vendas por atacado e varejo.

✠

Coronel Vicente, 607
Pôrto Alegre - R. G. Sul

"Caetés"

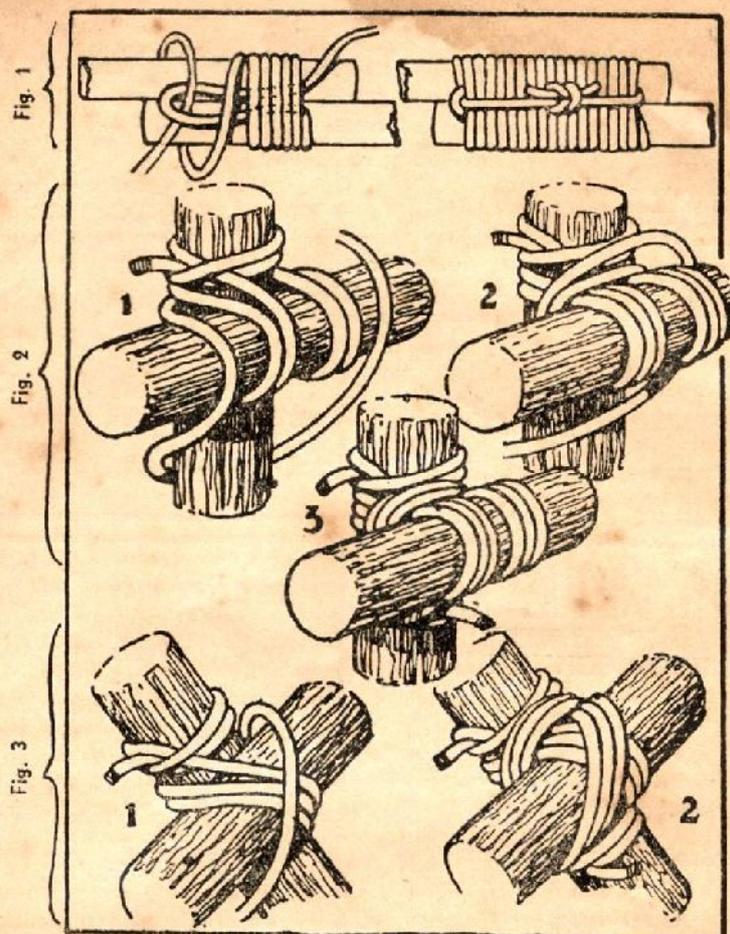
MATERIAIS PARA O CAMPO

≡

Mochilas, Bornais, Barracas de todos
os tipos e tamanhos, sob encomenda.

≡

Tratar com IDO pelo fone 2-4563
ou na sede da Sogipa



Rodeia-se os troncos com três a quatro voltas completas cuidando que a volta passe pelo lado de dentro da anterior, sobre o tronco horizontal, e do lado de fora da anterior, sobre o tronco vertical. — Esta ordem tem a sua finalidade. — Depois fazemos várias voltas circulares bem apertadas, entre os dois troncos, e ao redor das amarras, cuja finalidade é apertar ainda mais a amarra. Terminamos, finalmente, com uma Volt de Fiel sobre o tronco horizontal.

AMARRA EM DIAGONAL — Empregada para unir dois troncos de modo que formem um ângulo muito aberto entre si, ou quando estes troncos estejam submetidos a uma tensão que tende a separá-los (fig.3).

Manobras — Falquejar o local da união.

Inicia-se com uma Volta da Ribeira, aplicado sobre o ângulo maior, e abrangendo ambos os troncos.

Dá-se três ou quatro voltas, com o cabo, e depois três a quatro voltas cruzadas sobre as primeiras (O número de voltas em cada ângulo, varia conforme a abertura necessária).

Para que a amarra fique firme, dá-se umas duas voltas em círculo, entre os dois troncos, ao redor da amarra. Finalmente, terminamos a amarra com uma Volta de Fiel, feita num dos troncos.



O ACAMPAMENTO ESCOTEIRO

POR FLECHA DE FOGO

AMARRAS

Nenhum escoteiro deveria assistir a um acampamento, sem antes conhecer perfeitamente, pelo menos os tipos mais comuns de amarras, visto serem elas de grande utilidade e quase que imprescindíveis na vida do mato.

São as amarras, usadas em todo e qualquer serviço de pioneiria tipicamente escoteiro, como sejam: pontes, camas, bancos, cadeiras, torres, etc.

Ao fazer uma amarra, devemos lembrar-nos sempre que a SUA RESISTÊNCIA NÃO DEPENDE da qualidade do cordel gasto, senão quase que-SÓ ÚNICAMENTE DE SUA BOA OU MÁ EXECUÇÃO.

Os tipos mais comuns de amarras são as: em PARALELO, em DIAGONAL, e em QUADRADO, que passaremos a descrever mais detalhadamente.

Observação geral — Sempre que possível, convém achatarmos, isto é, falquejar, com o facão ou machadinha, a parte em que dois paus roliços se juntarem, para obtermos assim maior firmeza do conjunto. Isto para todo e qualquer tipo de amarra

AMARRA EM PARALELO — Serve, por exemplo, para a construção de um mastro para a bandeira, com diversos bastões escoteiros, construção de torres de observação ou de sinalização, etc.

Manobras — Devemos inicialmente falquejar as pontas a serem unidas.

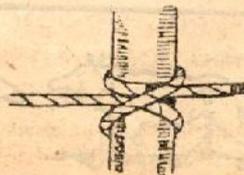
Este tipo de amarra pode ser feito de diferentes maneiras. Primeiramente, a maneira representada na fig. 1.

O nó a ser usado para o caso, poderia ser um tipo semelhante ao nó de Falcassa (conforme desenho) mas, em vez de cortar as pontas ou deixá-las soltas, devemos amarrá-las por meio de um nó Direito, que ficará por cima da falcassa; fator êste que influirá sumamente na resistência da amarra, principalmente se o nó Direito estiver bem apertado.

Outro tipo seria, iniciando-se com uma Volta de Fiel, passa-se a enrolar o cabo ao redor dos dois paus, e termina-se com outra Volta de Fiel, amarrando as duas extremidades livres, inicial e final, com um nó Direito.

AMARRA EM QUADRADO — Usada para unir troncos cruzados em ângulo reto (fig. 2). Manobras: Falquejar o local da união.

Inicia-se com uma Volta de Fiel, enrolando depois a ponta livre ao redor da mais comprida.



médio de seu Chefe. Cada escoteiro se inscreverá em somente uma das duas listas, fornecendo as seguintes informações: Para ambas as listas, Nome; Tropa; Endereço para correspondência; Data de nascimento; Data da Promessa como Escoteiro; Tempo de atividade escoteira, separadamente, como Lobinho, Escoteiro ou Escoteiro Senior; Classe atual. Os candidatos da lista B, devem informar ainda, qual o meio de transporte que desejam utilizar para a viagem ao Canadá.

"Armazem Farrapos"

de Henrique Fragoso F.º

Especialidades,
Perfumarias,
Conservas,
Frios, etc.

SECOS E MOLHADOS

AV. FARRAPOS, 3314

INSCRIÇÃO DEFINITIVA — Até o dia 15 de Maio de 1955, os candidatos inscritos preliminarmente, deverão preencher e entregar ao Comissário Regional, a Ficha de Inscrição, que será remetida diretamente pela U.E.B. para as respectivas tropas, de acordo com as listas mandadas pelas Regiões.

ACAMPAMENTO DE TREINAMENTO — Os escoteiros selecionados, de ambas as listas, deverão concentrar-se no Rio de Janeiro, para participarem de um Acampamento de Treinamento, nas vésperas da partida para o Canadá. As despesas de hospedagem no Rio de Janeiro e de campo, correrão por conta da U.E.B., a qual fornecerá dois uniformes completos e um abrigo, a cada participante, o que já está incluído na cota.



Banco Industrial e Comercial do Sul S.A.

"SULBANCO"

ANTIGO BANCO PFEIPPER S.A., FUND. 2-1-1919

SÉDE PROVISÓRIA: RUA 7 DE SETEMBRO, 1126

PORTO ALEGRE

END. TEL. "SULBANCO" - FONES 4511, 4495, 4901

Capital Cr\$ 100.000.000,00 — Reservas Cr\$ 80.188.291,50

Agências da Cidade:

RUA DR. BARROS CASSAL, 86 - FONE 5630

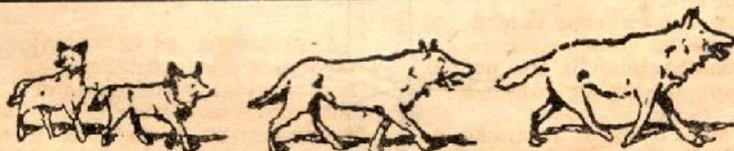
AVENIDA FARRAPOS, 2462 - FONE 2-17-45

AVENIDA ASSIS BRASIL, 2604

Agência no Rio de Janeiro:

RUA DA QUITANDA, 56

Efetua Todas as Operações Bancárias — Oferecendo Serviço Rápido e Eficiente



Noticiário Internacional

VIII JAMBOREE MUNDIAL

Conforme já noticiamos anteriormente realizar-se-á, em Niágara, Canadá, de 18 á 28 de Agosto de 1955, o 8.º Jamboree Mundial. Esse Acampamento foi denominado: "Jamboree dos Novos Horizontes", e será o primeiro realizado em continente americano, o que é para nós, de grande importância.

Transcrevemos abaixo os dados mais interessantes sobre o Jamboree, extraídos da circular de 7-12-54, do Comossário Técnico Nacional.

Devido a grande distância, a Diretoria da U.E.B. está envidando todos os esforços em conseguir a concessão de um avião especial para o transporte da Delegação Brasileira ao 8.º Jamboree Mundial.

Os escoteiros que desejarem tomar parte no Jamboree, devem satisfazer as seguintes condições:

- Ser Escoteiro de 1.ª classe, ou Escoteiro da Pátria;
- Ter pelo menos 15 noites de campo;
- Possuir no mínimo duas especialidades, sendo uma delas à escolha dentre as de Intérprete, Acampador, Cozinheiro, Enfermeiro, Primeiros Socorros, Ator, Músico, Salva-Vidas;
- Ter ao menos dois anos de atividade, contados da data da Promessa como Escoteiro, tendo estado em atividade todo o ano de 1954;
- Estar, tanto o candidato como sua tropa, devidamente registrados na U.E.B. e possuir a respectiva carteira de Identidade Escoteira (Enquanto a U.E.B. não tiver expedido a Carteira, valerá o fato de ter dado entrada na respectiva documentação);
- Ter a idade compreendida entre 13 anos completos e 18 incompletos, no dia 18 de Agosto de 1955;
- Ter ou estar fazendo o Curso Secundário;
- Possuir autorização escrita de seus pais ou responsáveis;
- Apresentar quando fôr pedido, atestado médico de sanidade.

Haverá duas listas de inscrição, as quais se destinam exclusivamente à

seleção e organização de nossa Delegação, não divulgados os nomes dos escoteiros que pertençam à lista A ou B, não constituindo, portanto, discriminação.

LISTA "A" — Escoteiros cuja participação no Jamboree dependa das facilidades que estão sendo providenciadas, conforme seleção, de acordo com as normas acima. Os candidatos que forem selecionados, deverão custear seu transporte até o Rio de Janeiro, e regresso do Rio de Janeiro às suas cidades, quando de volta do Jamboree, pagar até o dia 30 de Junho a cota única de Cr.\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) e levar uma importância para os seus gastos pessoais no estrangeiro de no mínimo Cr. 2.000,00 (dois mil cruzeiros).

LISTA "B" — Escoteiros que possam ir por conta própria, independentemente das facilidades que estão sendo providenciadas, aos quais fica assegurada a participação na Delegação Brasileira, dentro do limite fixado para o nosso contingente. Se houver excesso de candidatos, serão selecionados da mesma maneira que os candidatos da lista "A". Deverão pagar a cota única de Cr. 5.000,00 e custear suas despesas de transporte ao Rio de Janeiro, para o Acampamento de Treinamento, e mais:

Passagem de trem New York-Niágara e regresso	\$25.00 (Dólares)
Leito	\$ 8.00 (Dólares)
Alimentação	\$ 7.00 (Dólares)
Total	\$40.00 (Dólares)

— É conveniente calcular uma reserva de 15% para emergências.

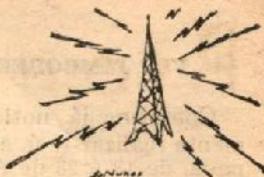
— Essas despesas não incluem dias de permanência em N. York, nem passeios. Devem levar uma importância para os seus gastos pessoais no estrangeiro de no mínimo Cr.\$ 2.000,00.

— Caso a U.E.B. obtenha facilidade, esses candidatos serão beneficiados com os passeios que a nossa Delegação realizar no estrangeiro.

INSCRIÇÃO PRELIMINAR: — Os escoteiros que satisfaçam as condições exigidas, até o dia 15 de Maio de 1955, deverão efetuar a sua inscrição preliminar até o dia 28 de Fevereiro, com o Comissário Regional, por inter-



NOTICIÁRIO ESCOTEIRO



Noticiário Regional

A. I. P. — Representando a Região do Rio Grande do Sul, tomaram parte no Acampamento Internacional de Patrulhas, 52 escoteiros, 6 pioneiros, 3 chefes e um assistente religioso

Realizado em Interlagos, no Estado de S. Paulo, o A. I. P. congregou jovens de diversos pontos do País e Estrangeiro.

SEMINÁRIO DE ASSUNTOS ESCOTEIROS — Realizou-se nos dias 18 e 19 de Setembro último, na Casa de Campo de Vila Elza, um Seminário entre chefes, para discussão de Assuntos referentes ao Movimento Escoteiro. A esta reunião compareceram quasi todos os chefes da Capital.

6.º C. P. I. M. L. — Com a participação de diversos alunos-chefes da Capital e Interior, realizou-se nos dias 30 e 31 de Outubro, o 6.º Curso Preliminar da Insignia da Madeira para Chefes de Lobinhos. Este foi o primeiro Curso deste gênero realizado em noso Estado.

DIA DO LOBINHO — Transcorreu no dia 4 de Outubro último o dia de São Francisco, padroeiro dos lobinhos. Em comemoração a esta data, no dia 3 de Outubro foi realizado uma reunião dos Lobinhos da Capital, no estádio da Sogipa, ao qual compareceram 52 Lobinhos e 9 Chefes.

BIBLIOTECA ESCOTEIRA — Acha-se em funcionamento na séde da Região, à rua Castro Alves, 398, a Biblioteca Escoteira, que está ao encargo dos Pioneiro da Associação Guia Lopes. A Biblioteca acha-se a disposição de todos os interessados, funcionando tôdas às 2.ªs feiras das 20 às 22 horas.

Noticiário Nacional

ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE PATRULHAS — Aliando-se às comemorações do IV Centenário da fundação de São Paulo, a União dos Escoteiros Brasil de comum acôrdo com a Região Escoteira de São Paulo, realizou nos dias 27 de Julho à 3 de Agosto do corrente, um Acampamento Internacional de Patrulhas que teve lugar em Interlagos, municipio de Sto. Amaro.

A este evento escoteiro compareceram escoteiros de diversas partes, num total de 749 elementos, assim distribuidos:

Do exterior:

Alemanha	3
Argentina	33
Bolivia	25
Chile	26
Cuba	1
Japão	1
Paraguay	7
Portugal	15
Siria	1
Uruguay	37
Venezuela	1
Holanda	2

Brasileiros:

Amapá	1
Baia	5
Ceará	6
D. Federal	132
Goiás	14
M. Gerais	95
Pará	18
Pernambuco	17
Paraná	28
R. Janeiro	44
R. G. do Sul	62
Sta. Catarina	10
São Paulo	154
Diretores diversos	11

Pioneirismo



NOVOS CLANS

Aquêles que vem seguindo de perto, e com atenção a todos os passos do Movimento Escoteiro, devem estar notando um certo interesse que veem tendo alguns de nossos chefes, na fundação de novos clans, e até mesmo na impossibilidade disto, iniciam alguns, atividades apenas com uma só equipe.

Isto, meus caros amigos, mesmo que nos pareça pouco, já é alguma coisa, pois tudo começa-se por baixo, e talvez estas pequenas equipes, venham ainda a ser um dia, baluartes de um movimento concreto e extenso do pioneirismo em nosso Estado, o qual vinha sendo um tanto esquecido por alguns.

Lembro porém, a estes chefes que, não devem esquecer-se de convidar para participar de clan, a antigos escoteiros, muitos dos quais afastaram-se quando, a questão de dois ou três anos, atingindo a idade de 17 ou 18 anos, não encontraram ambiente para realizarem atividades outras que não fossem as de escoteiro, uma vez que desejavam era encontrar um ambiente onde pudessem realizar atividades de acôrdo com sua idade.

Em outras palavras, eles não tiveram possibilidades de reunir um grupo de rapazes, — por falta de elemento, sede, chefe, etc. — todos de sua idade mais ou menos, que estivessem aptos a discutir assuntos mais profundos, ou temas relativos às próprias dificuldades da vida, como vem a ser uma "mesa redonda" de um clan de pioneiros.

O MESTRE PIONEIRO

O indicado para dirigir os trabalhos de um clan recém iniciado, é o Chefe da Associação, porém, nem sempre este estará disponível para isto, pois geralmente já tem a seu encargo um dos setores da Associação. Na sua impossibilidade então, o Chefe Geral deve dar preferência a um outro chefe escoteiro, e mesmo na

falta deste, a um dos que estejam interessados na fundação do Clan.

Não deve porém, esquecer-se do ponto base, primordial, isto é, que o Mestre do Clan tenha idade regulamentar para isto, ou seja, mais de 25 anos.

Muitos talvez não de pensar o Mestre poderá ser um dos próprios rapazes interessados. Não é possível. E até mesmo não é permitido pelo R. T. E. E mais, qualquer chefe que medite um pouco sobre este assunto, verá que é impossível um rapaz de 18 ou 19 anos orientar outros de sua própria idade.

Visto isto, sou de opinião que, caso não seja encontrado um elemento que satisfaça os requisitos regulamentares para exercer as funções de Mestre logo de início, seja então eleito pelos demais, um dos componentes do clan, para encarregar-se da organização do mesmo. "Este porém, deve fazê-lo, com o cargo e funções de companheiro de equipe, ou líder". A êle caberá a organização de programas; direção de trabalhos a serem executados pela equipe, etc. O Chefe Geral, ficará sendo o responsável pelo funcionamento do Clan ou Equipe; apreciará os programas feitos pelo companheiro; organizará e fará a distribuição de trabalhos; dirigirá os acampamentos. Será um orientador dos rapazes. Ao companheiro pode ser dada ainda a direção de bivaque e excursões, para que vá praticando.

"Temos que cuidar muito bem da árvore, para que possamos colher bons frutos".

Cooperação
da Associação

"Guia Lopes"

ao darem o terceiro passo, cruzarão os braços.

Quando um dos jogadores fôr tocado pelo 'cego', passará a fazer este papel, e será reiniciado o jogo.

PASSAGEM SILENCIOSA

Este jogo é para ser feito entre duas patrulhas, e em terreno liso.

Os jogadores de uma das patrulhas, estarão com os olhos vendados, em linha, um ao lado do outro, de pernas abertas, de maneira a poder passar um outro por baixo. Os pés de cada um devem tocar o do companheiro, e as mãos estarão coladas ao corpo. Os escoteiros da outra patrulha, tentarão passar esta barreira, seja por entre as pernas dos 'cegos', o que terão de fazer de rastro, ou seja por entre os componentes da barreira. Os 'cegos', quando sentirem a um adversário, tocá-lo-ão com a mão.

Cada um que conseguir passar, contará um ponto para a sua patrulha, assim como cada um que os 'cegos' to-

carem, será um ponto para estes. Depois de um tempo determinado previamente, ou quando todos conseguirem passar, invertem-se os papéis.

OS GUARDAS CEGOS

Dois ou três escoteiros da 1.^a patrulha, estão presos e amarrados em árvores próximas uma da outra. Quatro escoteiros da 2.^a patrulha, estão a guardá-los para que sejam roubados, porém estão com os olhos vendados. Os restantes da 1.^a patrulha, tentarão salvar seus companheiros. A um sinal do chefe o jogo é iniciado, e então os da 1.^a patrulha que se acham livres, tratarão de chegar até às árvores para desatarem seus companheiros sem serem tocados pelos escoteiros da 2.^a patrulha. Cada preso que fôr salvo, contará 5 pontos para a 1.^a patrulha, e ficará esperando em local determinado, não podendo auxiliar no salvamento dos presos restantes. Cada salvador tocado, os guardas contarão 3 pontos.

ESSÊNCIA DO ESCOTISMO

Nosso fim é educar a geração futura, para fazer dela, cidadãos úteis, que tenham um ponto de vista tão amplo, como jamais houve, e desenvolver assim a boa vontade e a paz no mundo, por meio da camaradagem e da cooperação, fazendo com que desapareça essa rivalidade que prevalece nas classes sociais, nas religiões, e nos países, e que deu motivo a tantas guerras e ressentimentos.

Nossa profissão de fé, não tem fim político, nem militarismo, nem espírito de domínio universal. Temos um fim puramente social, posto que, consideramos a todos os homens como irmãos, filhos de um mesmo Pai, entre os quais, a felicidade só pode reinar, com boa vontade, amplidão de idéias, e pelo "amôr ao próximo".

Lord ROBERT BADEN POWELL

Fundador do Escotismo.

Uma boa surpresa, entretanto os esperava,

Imperceptivelmente o caminho passara por um corte, como se encontra frequentemente naquela região da França.

Do cume da elevação, os rapazes descobriram enfim a rua que procuravam, e que alcançaram após curta caminhada. A estrada achava-se ladeada por árvores gigantescas, dando ao conjunto a impressão de uma alameda, que por certo conduzia ao castelo. Os rapazes seguiram-na.

Ainda não haviam percorrido 100 metros, quando viram, após uma curva, um portão de ferro. Os escoteiros foram até êle e contemplaram o interior. A esquerda, bem perto da estrada, erguia-se uma casa de construção muito simples.

— Certamente será a habitação do porteiro. Mas que mal cuidado se acha isso tudo. — Observou Henri.

Na verdade, o capim e as ervas daninhas vegetavam no caminho interno. Numa das janelas do andar superior, faltava uma veneziana e no andar térreo, havia um vidro partido. As paredes eram de côr cinza e cobertas de musgos.

A grade do portão pelo qual os rapazes observavam o interior, estava completamente enferrujada, e certamente há muitos anos não vira mais tinta.

— Entremos? — Perguntou Henri.

Experimentaram abrir uma das partes do portão, mas a fechadura resistiu a todos os esforços. Laurent dirigiu um olhar interrogativo ao moço e disse:

— Que faremos agora?

— Chamemos uma vez.

— Ah! Poder-se-ia pensar que não há alma viva nesta casa!

— Experimentemos contudo!

E Henri gritou entre as mãos em concha:

— Alô! Ó de casa! Alerta! Não há ninguém aí!

Continúa no próximo número.

Antes de mais nada, sê verdadeiro para contigo mesmo. E assim, tão certo como a noite segue o dia, serás verdadeiro para com todos.

VAMOS JOGAR

O GUARDA ATENTO

De 6 a 10 jogadores.

Material: Três cabos curtos, um lenço e um apito.

Terreno: Limpo, com uma árvore ao centro.

Os três cabos, atam-se à árvore, com nós de desatar facilmente. O guarda, com os olhos vendados, se coloca sentado a uns dois ou três passos da árvore, donde não poderá sair, ainda que possa mover-se de um lado para outro.

Os jogadores, colocam-se a uns 20 passos, de onde virão para desmanchar os nós, o que farão sem correr nem saltar, para não serem presentidos pelo guarda. Quando este porém crer, sentir um jogador aproximar-se da árvore, faz soar o apito, estendendo ao mesmo tempo o braço na direção onde pensa encontrar-se o jogador. Ao sinal do apito, todos os jogadores, ficarão imobilizados na posição onde se encontrarem. O que dirige o jogo, indicará então, se o guarda acertou ou não. Em caso afirmativo, o jogador assinalado pelo guarda, se retira, reiniciando-se então o jogo.

O guarda, não pode assinalar mais de um jogador por vez, e tem direito como máximo, a três gestos para cada jogador.

Quando os três cabos forem desatados, ou o guarda exgotou o número de sinais que tem direito, perdeu. Se os nós não foram desfeitos dentro de um tempo previsto (5 ou 10 minutos), ou todos os jogadores foram eliminados, o guarda ganha o jogo.

OS TRÊS PASSOS

De 6 a 20 jogadores.

Terreno: liso, sem obstáculos.

Um dos jogadores, tem os olhos vendados. Os demais se dispersam como acharem melhor, em uma superfície previamente delineada. O 'cego' procurará tocar a qualquer um, após iniciado o jogo, e estes achando-se nos seus lugares, observarão o seguinte: 1.º Só têm direito a dar até três passos para evitar de serem tocados; 2.º Não poderão tocar o sólo com as mãos, porém podem agachar-se; 3.º Quando derem o primeiro passo para evitar o "cego", meterão uma das mãos no bolso; ao segundo passo, a outra mão no bolso; e finalmente

— Então sairemos imediatamente para Kerviszell? — perguntou Maurice Roman.

Maurice Roman, era um dos mais novos da turma, embora bastante desenvolvido para sua idade.

— Sim velhão, — respondeu Henri, enquanto lhe batia nas costas — e fora disto levarei a ti e a Laurent.

— Como? Então não vamos todos? — perguntou André.

— Naturalmente que não. Primeiro temos serviço bastante aqui para vocês, e além disso o chefe acha melhor, para não levantar suspeitas, que só devemos ir em dois ou três. Porque dar-se-á mais facilmente licença para uma visita a três pessoas do que a sete.

— Isso é verdade. Mas que barbaridade — protestou Raymond Beurrier, enquanto se punha de pé. Apesar de ser um pouco moloide, estava



sempre pronto para pôr a disposição da patrulha a sua robustez.

Henri levantou-se também e ordenou:

— André! Ficarás portanto, com Paul, Raymond e Sinclair. Vocês cuidarão pela ordem da cosinha, e farão as coisas necessárias. O almoço será às 12,30 horas, veja que até lá tudo esteja pronto. Maurice e Jean e eu, iremos agora em reconhecimento.

— Está bem Henri. — Respondeu André.

— Vamos portanto. Os exploradores! — Chamou Henri alegre. — Venham, vamos aprontar-nos depressa.

Um quarto de hora mais tarde, Henri, Jean e Maurice encontravam-se na picada que já conheciam da noite anterior. Como a subida era bastante fatigante, os rapazes percorreram-na calados.

Ao chegarem os três ao tôpo, apesar

de suas observações, não podiam ver Kerviszell.

— O castelo deve situar-se ali na baixada, — disse Henri, mostrando para uma ondulação do terreno.

— Se seguirmos esta picada, chegaremos ao muro. — Achava Laurent.

— Onde achas, que se encontra a estrada que conduz a propriedade?

Jean Laurent desdobrou o mapa, sobre o qual se inclinaram os três escoteiros.

— Acho que ela se encontra do outro lado desta elevação. Para uma tal propriedade por certo deve dirigir-se um bom caminho de acesso.

— Isso ao menos é de se supôr.

— A rua que aqui vemos, dirige-se para o Weiler Ellion, dobra então para o norte, e termina em Telgruc. Sem dúvida, devemos procurar primeiro lá.

Maurice que até então calara, com o olhar dirigido ao longe, estendeu repentinamente o braço para oeste e exclamou:

— Isto ali em baixo, não é o muro?

Henri e Jean olharam para a direção indicada. Viram mais ou menos uma dúzia de vacas que pastavam num campo cercado por um muro. Tanto quanto podiam distinguir, era este semelhante aquêle que tinham visto na noite anterior. Além disso dirigia-se para o sul, desaparecendo na baixada, onde devia situar-se o castelo de Kerviszell.

— Sim, é êle. — Respondeu Henri.

— Ligeiro para lá!

Logo alcançaram o muro.

— Excelente! — Exclamou Henri.

— Parece que o castelo não é muito rico. — Observou Laurent.

Na verdade, por tôda parte existiam pastagens, nas quais se encontravam poucas vacas. O edifício ainda não podia ser visto. A direção que os três seguiam não os aproximava da casa, e, pelos cálculos de Henri, deveriam estar afastados cerca de 900 metros.

— Para o inferno! — Exclamou Maurice. — Será que aqui não há portão?

Algum portão havia de vez em quando, mas sua forma primitiva, constava unicamente de dois barrotes que se achavam atravessados numa abertura do muro. Eram somente passagens para o gado.

— Ainda esta elevação, — disse Henri — e teremos a descida para o mar.

lugar, onde a margem não era muito alta, e no fundo havia pouco lodo, começando a lavar-se.

Dez minutos mais tarde, após a volta ao acampamento, ordenou o monitor os preparativos para o café. Ele mesmo pôs-se a fazer ordem na barraca, indo após isto até o fogo, sobre o qual, numa panela, parecia que um pouco de água, em que boiavam alguns pedaços de chocolate, estava se aquecendo.

Acocorado, e com os olhos vermelhos, Laurent procurava assoprar o fogo, que custava a pegar.

— Está pegando! — Disse, mas isso custou. — A lenha ainda é muito verde.

Henri, ajoelhou-se a seu lado, auxiliando-o a conservar a chaminha que se escondia atrás de uns gravetos.

— O Chefe ainda não te falou nada hoje de manhã? Perguntou Laurent.

— Até agora não, mas, irei ter com ele após a Missa.

— Que achas tu que te aconselhará?

— Isso naturalmente não sei, — respondeu Henri, — mas pelo que ontem penso ter entendido, o chefe não tem nenhuma intenção de empreender algo.

Seguiu-se um silêncio. O fogo apesar da fumaça, pegara. Jean levantou-se, limpou os olhos que estavam cheios de lágrimas e disse:

— Em todo caso, uma coisa é certa: "Alguém gritou". Porquê? Não seria isto verdadeiramente escoteiro, ir até lá e examinar a coisa?

— É justamente o que também pensei. Mas não vejo o que possamos fazer. Não podemos entrar numa propriedade, sob a desculpa de termos ouvido gritos suspeitos. Acho que com tal motivo os proprietários nos poriam logo na rua.

— Acho que conheço um meio, disse Laurent, após algum tempo.

— Ah é! Qual?

— Poder-se-ia solicitar licença para uma simples visita ao castelo. Desse modo veríamos se existe alguma coisa fora do comum.

Henri não gostou muito desta proposta, e parecia até ter compaixão de Laurent.

— Olha meu velho, — disse com dignidade, — estás louco! Se houver realmente algo que não esteja em ordem, certamente que não nõ-la mostrariam. O que então adiantaria nossa visita?

Laurent quis explicar-se, mas foi

interrompido pelo sinal que chamava para a Missa. Os dois rapazes deixaram portanto o serviço e se dirigiram até onde estava armado o altar.

Depois que todos se tinham lavado, o altar fôra colocado ao lado da barraca das Gazelas, onde estava protegido do vento. As velas já queimavam dentro de duas lanternas de campo, e quando Henri e Jean chegaram, os ajudantes estavam se ajoelhando ao lado do sacerdote. A missa começou.

Em tórno do altar encontrava-se toda a Tropa, rezando e cantando em conjunto. Muitos comungaram.

Após a Missa as patrulhas voltaram para suas barracas e pouco depois, sentia-se no acampamento um cheiro apetitoso de chocolate que era derramado nas canécas da rapaziada esfoameada.

— Mudei há pouco a minha opinião, — disse o monitor. A tua idéia Jean, parece-me excelente.

— Então por certo pensaste nisso durante a Missa? — interrompeu-o Paulo.

Os outros protestaram.

Mas que pretensão!

Henri entretanto, acalmou-os com um movimento de mão.

— Temo que Paul tem razão. Esta história, têm-me na verdade distraído durante a Missa, pois queria achar uma solução a ser seguida.

— E o que resolveste? — Perguntou André Lagache.

— Cheguei a conclusão de executar o plano de Laurent.

— Mas qual é o plano? O que é que ele propôs?

Jean Lagache explicou-lhes a coisa.

— Achas então, — disse Sinclair quando Jean terminara, — que devemos ir até lá e pedir licença para vermos o castelo de Kervizell?

— É isso mesmo.

Algum tempo todos se calaram para pensar, enquanto tomavam o chocolate. Até que Henri tocou novamente no assunto.

— Gansos! A proposta de Laurent não me parece só excelente sob todos os pontos de vista, o chefe, e isto é o melhor, incumbiu-me de realizá-la,

— Falaste então com o chefe?

— Sim! Logo após a Missa. Quando lhe falei desta visita a Kervizell, parecia encantado. Achou que era uma boa ocasião de nos exercitarmos em observação, e apesar disto, seria certamente o único meio de esclarecermos um pouco o caso. Quer ele que façamos logo pela manhã a experiência.

A Patrulha dos Gansos e o Mistério de Kerviszell

II CAPITULO

por PIERE DELSUC
Tradução e adaptação por
Flecha de Fogo

A PATRULHA DO GANSO TOMA UMA ATITUDE QUE PODE TER GRAVES CONSEQUÊNCIAS

Quando, na manhã seguinte, o sol começou a lançar seus raios sobre o acampamento, dentro das barracas reinava ainda um profundo silêncio. Numa delas, encontravam-se estendidos no chão, sete volumes, sob cujas cobertas emergiam aqui e acolá uma cabeça com olhos fechados.

Fez-se ouvir a alvorada.

Alguns embrulhos estremeçeram levemente. Somente um, entretanto, no canto da barraca, demonstrou movimentos mais enérgicos. Apareceu então a cabeça de Henri Rambures, com os olhos cheios de sono e os cabelos em desordem.

Henri passou a mão pela testa, bocejou, e procurou seu chapéu, no qual guardava à noite, todas as coisas de seus bolsos. Até que enfim encontrou o relógio: 7,25. Fôra o primeiro sinal da alvorada.

— Alô! Alô! Gansos! Vamos, levantem-se!

Num salto pôs-se de pé e distribuiu socos a direito e a esquerda, para os que não haviam atendido sua ordem. A tal investida os gansos não resistiram, e preferiram acordar-se.

— Bom dia, Henri!

— Bom dia! Bom dia!

O monitor abriu a barraca, e diante dos sete escoteiros, encontrava-se a vista do acampamento, no qual tudo brilhava sob os raios solares.

Roger Barlain, o chefe de dia, foi até o lugar de reuniões, e ouviu-se o segundo sinal da alvorada.

— Rápidos gansos! gritou Henri.

Ainda de pijama, pulou êle para fora da barraca, e correu em direção a Roger, seguido por seus rapazes, todos vestidos do mesmo modo. De todas as outras barracas, surgiam agora escoteiros. Quando já formados em ferradura, ouviu-se de todos os lados:

— Bom dia, Roger!

— Bom dia! Bom dia! Rápidos! Já nos atrazamos. Toda a Tropa em fila! A Gazela que se coloque na ponta, e me siga.



E pôs-se a correr com a face voltada para o mar que cintilava ao sol.

Os cinco minutos de exercício matinal, passaram com vários tipos de ginástica, após a qual o chefe de dia mandou a todos que se lavassem.

Henri estendeu a mão aos outros monitores, e trocou com êles algumas palavras.

— Mas, a vossa marcha ontem a noite, não foi brincadeira hein? Eu vos felicito, disse Bernard Delavoine, monitor da Gazela, um rapaz de cabeça redonda com olhos vivos e penetrantes, fora do comum.

— Mas isso era natural para uma patrulha de sinaleiros. O que há de estranho nisso?

— Parece, interrompeu Nadeau com curiosidade, que vocês ouviram barulhos misteriosos por lá, gritos na noite e não sei o que mais?

— Sim! O chefe falou-te? perguntou Henri.

— Que? O que foi que houve? — gritaram a uma só voz Delavoine e Alonne, monitor dos Lobos. Ainda não sabemos de nada. Conte-nos Henri — Com muito prazer. — E em poucas palavras narrou-lhes Henri, os detalhes dos acontecimentos da noite pasada.

— Isto é deveras interessante, — observou Mac Alonne, cujos olhos azuis olhavam perplexos. Tens alguma idéia do que se poderia ter pasado?

— Não o posso explicar, e nem o compreendo. O chefe a quem tudo contei ao voltarmos, também não sabia o que dizer. Por certo ainda falará comigo esta manhã.

— Então nos deixarás ao corrente de tudo?

— Podeis confiar em mim.

Com isto os monitores se separaram para lavar-se. Henri, buscou em sua tenda os apetrechos para tal, e correu até o arroio, em cujas margens encontrou a maioria dos escoteiros sem camisa, com os pés n'água. Após alguma procura, encontrou um bom

CONCURSO DO ESCOTEIRO GAUCHO

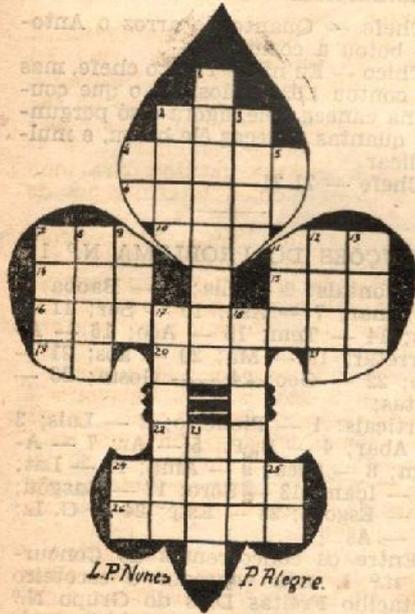
Problema n.º 2

HORIZONTAIS:

- 2 — Aia
- 4 — ave
- 6 — horas vagas, de distração
- 7 — medida agrária
- 10 — discurso laudatório
- 11 — companhia
- 14 — caminha
- 15 — estudar
- 16 — amulhado
- 19 — tecido fino
- 20 — das aves
- 21 — artigo plural
- 22 — nome próprio masc.
- 24 — somente um
- 26 — ver a tara.

VERTICAIS:

- 1 — Rio caudaloso e extenso
- 2 — terra própria para cultura
- 3 — medida de superfície
- 4 — outra cousa
- 5 — atmosfera
- 7 — caução
- 8 — cauda
- 9 — avante
- 11 — tropa formada por pioneiro
- 12 — nome próprio fem.
- 13 — argolas
- 17 — choupana
- 18 — rama do nabo
- 23 — achara graça
- 24 — nome usado antigamente para designar a nota dó.
- 25 — prefixo que designe autor.



As soluções deste concurso, somente serão aceitas até o dia 31 de Janeiro. As mesmas deverão ser escritas em letra bem legível, não sendo necessário o envio do desenho, basta indicar o número, e ao seu lado a palavra correspondente. Envie com os dizeres: PROBLEMA N.º 2 do ESCOTEIRO GAUCHO — Rua Castro Alves, 398 — P. Alegre.

Entre os acertadores, haverá um sorteio e ao vencedor será enviado um livro escoteiro.

Resultado das charadas:

Brincadeira — Macaco — Corte

Concurso para Principiantes

1	2	3	4	5
2				
3				
4				
5				

Horizontais e

Verticais

- 1 — Partes da Filatelia
- 2 — Teso. Firme
- 3 — Carregam
- 4 — Cidade do Canadá
- 5 — Adições

CURIOSIDADES E BOM HUMOR

Dirigido por Senuu P. Orual

VOCE SABIA?

— Que há um fato curioso entre Cervantes e Shakespeare, pois ambos morreram no dia 23 de Abril de 1616?

— Que José Scaliger, famoso memorista alemão, recitava tôda a Odisseia e a Ilíada de Homero, e que depois de vinte dias de leitura, fixava de memória o texto de um livro de 500 páginas?

— Que a palavra "onibus" provém do grego, e que quer dizer "para todos"?

— Que a nossa voz parece mais agradável e sonora quando estamos no banheiro, porque os azuleijos ou os ladrilhos, a tornam mais retumbante?

— Que a ave sabe a qual dos passarinhos deve dar de comer, pois o filhote engole com dificuldade a medida que vai ficando cheio, e então ela observa-os, e distribui a comida equitativamente?

—x—

CHARADAS NOVÍSSIMAS

O "pano" e o "móvel" estão no "jogo". 1-3

"Não e boa" a "lasca" do "animal". 1-2

O "amarelo" na "letra" deixa um "talho" 1-1

—x—

INDEPENDÊNCIA AMERICANA

Damos a seguir, as as datas da independência política de todos os países da América:

Estados Unidos	4-7-1776
Haiti	10-7-1804
Equador	10-8-1809
Argentina	9-7-1810
Colômbia	20-7-1810
México	16-9-1810
Chile	18-9-1810
Paraguai	14-5-1811
Venezuela	5-7-1811
Perú	28-7-1821
Costa Rica	15-9-1821
Guatemala	15-9-1821
Honduras	15-9-1821
República Dominicana	15-9-1821
Nicarágua	15-9-1821
Brasil	7-9-1822
Bolívia	6-8-1825
Salvador	25-8-1825
Uruguay	27-8-1828
Cuba	22-5-1902
Panamá	3-11-1903

RIA... SE QUIZER

Dois garotos entram apressadamente no consultório dentário, e o mais velho diz:

— Doutor, preciso que o senhor extraia um dente, mas como estou com muita pressa não é necessário a anestesia.

— Então vamos logo, pode sentar-te rapaz.

— Não, não é eu que vou extrair.

— e dirigindo-se ao menor completa

— Anda Luizinho, senta-te ali.

ACAMPAMENTO DE ASPIRANTES

Chefe — Quanto de arroz o Antonio botou a cozinhar?

Chico — Eu não sei certo chefe, mas ele contou 1.039 grãos, foi o que coube na caneca dele, agora é só perguntar quantas canecas ele botou, e multiplicar.

Chefe — ?! ?!

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 1

Horizontais: 2 — Lia; 4 — Baoba; 6 — Pinar; 7 — Asa; 10 — Ser; 11 — Lis; 14 — Tem; 15 — Aço; 16 — A-carretar; 19 — Má; 20 — aos; 21 — Mó; 22 — Geo; 24 — Gosta; 26 — Lutas;

Verticais: 1 — Pioneiro; 2 — Lais; 3 — Abar; 4 — B. P.; 5 — Ar; 7 — Atam; 8 — Sêca; 9 — Ama; 11 — Lat; 12 — Içam; 13 — Sôro; 17 — Rasgou; 18 — Esgota; 23 — Este; 24 — G. L.; 25 — As.

Entre os concorrentes do Concurso n.º 1, saiu vencedor o escoteiro Octacilio Freitas Dias do Grupo N.º S.ª MEDIANEIRA. Seu prêmio pode ser procurado às 2.ªs feiras na séde da Região.

Paulo P. Nunes

Representações Comerciais - Conta Própria

R. Cristovam Colombo, 1554
P. Alegre - R. G. do Sul

Tua Missão Monitor

(Cont. da pág. 8)



- marmitta chata com tampa.
- Frigideira, bacia.
- Concha, espumadeira, colher grande.
- Lanterna a querosene, velas, fósforos, lanterna elétrica.
- Latas de diversos tamanhos para alimentos.
- Sacarrólha, abridor de garrafa e de latas, uma machadinha e um facão.
- Lonas suplementárias para a lenha e o equipamento.
- sacos para os objetos de pano e os de metal.
- Vários panos para lavar panelas, e sacos para os alimentos.
- Barraca para os alimentos.
- Cordas diversas, cabos, barrigueiras.
- Bandeira Nacional. Bandeirola
- Martélo, serrote, formão, torquês.

Sempre devemos tomar por lema:
"O difícil será feito logo, o impossível levará algum tempo".

Como se Constrói uma Galena

(Cont. da pág. 15)

remos ao contato (O). Para a ligação do terra, toma-se de um fio que partirá da tomada "T" indo ter a um pedaço qualquer de metal enterrado no sólo, de preferência humido. Quando o escoteiro quiser ouvir galena em sua própria casa, esta ligação poderá ser feita em qualquer cano da instalação de água.

E com isso terminamos a nossa galena.

Para fazê-la funcionar, basta ligar os fones na tomada T e em seguida, encostando bem o cursor no lugar raspado da bobina, acionar a agulha do cristal sobre a pedrinha, até pegar as estações. Feito isto regular-se-á a distância por meio do cursor, experimentando para a esquerda ou para a direita, até encontrar-se o ponto onde se ouve distintamente.

"Artefatos de Cimento"

Serviços de granitina em geral

Pisos — Escadarias — Mesas — Pias
 Revestimentos de Fachadas — Granito Romano e Marmorite

x

Bauler & Gonçalves Ltda.

Rua Ite. Alpoim N.º 201
 Pôrto Alegre - R. G. Sul

Antes de mais nada, purifica a tua alma. Segue então o caminho da tua vida.

LOBISMO

(Cont. da pág. ant.)

da Promessa, portanto somente os lobinhos que sejam no mínimo Patatena, poderão nele participar.

COLABORAÇÃO

Voltamos a repetir o apêlo que fizemos no último número desta Revista. Muito lamentamos o desinte-

resse mostrado pelos Aquelás do nosso Estado, especialmente os do Interior, pelas iniciativas da Diretoria Regional, como por exemplo o concurso de trabalhos manuais, ao qual apresentaram-se apenas duas Alca-téias da Capital. Esperamos receber o apôio de todos os Aquelás. Ou será que estamos "peleando solitos" pelo nosso ideal?

des psicológicas, conforme nos diz o próprio B. P. ao escrever:

"Enquanto o menino maior é grande admirador de heróis, e com desejos de trabalhar em grupos, sob as ordens de um guia, competindo com outros grupos, especialmente em serviços perigosos, o menino menor, que apenas está saindo do período de criança, é mais individualista. Principia a sentir-se firme, mais concentrado, e pela primeira vez se dá conta que pode levar ao término alguma coisa, e fazer outras, e no momento que deu um passo a frente, de qualquer natureza que seja, inclina-se a exibi-lo."

Mostra-nos isto portanto, que grande é a diferença psicológica entre os meninos de onze anos para cima, e os meninos de sete a dez anos, requerendo métodos completamente diferentes na sua educação. Que os caros chefes compreendam isto o quanto antes, são os nossos desejos, afim de que possamos combater este "Mal Alarmante".

6.º C. P. I. M. L.

Há muito sentia-se falta de um programa de adestramento intenso para Aquelás, uma vez que nada havia para sua formação, exceto dois ou três livros, única literatura do ramo em Português. A par desta dificuldade, a Diretoria da Região dirigiu seus trabalhos, afim de que se realizasse um curso dentro do programa de adestramento da Insignia da Madeira no Rio Grande do Sul. Contando com integral apóio da Diretoria Nacional e do Commissariado Técnico Nacional, foi-nos possível levar a efeito o 6.º Curso Preliminar da Insignia da Madeira para Chefes de Lobinhos, o primeiro curso deste gênero realizado em nosso Estado.

Inicia-se assim, uma nova fase para o Escotismo no Rio Grande do Sul. Desnecessário é frizarmos a importância de um adestramento conciente para os nossos chefes, dentro do Esquema Internacional da Insignia da Madeira, pois é a única maneira de melhorarmos o padrão do nosso Escotismo.

Notamos entretanto que, como em outras ocasiões, pouco interesse houve dos chefes do interior, ocorrência esta que muito lamentamos, uma vez que estamos interessados em atender as necessidades de todo o Estado, capital e interior. Esperamos no entanto, que nos próximos cursos que pretendemos realizar, haja mais in-

teresse e maior presença de todos os recantos do Estado.



O GRANDE UIVO

O Commissariado Técnico Nacional, vem de aprovar a tradução oficial dos termos Escotistas do Inglês para o Português, onde está enquadrado o Grande Uivo, que ficou com o seguinte texto:

**AQUELA, FAREMOS O MELHOR!
O MELHOR, MELHOR, MELHOR!
SIM O MELHOR QUER FOR POSSÍVEL!**

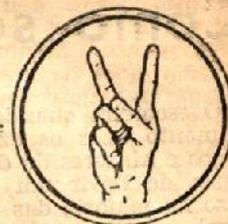
O Grande Uivo se processa da seguinte forma: Os lobinhos tomam a posição de um lobo sentado, isto é, agacham-se e colocam as mãos entre as pernas, com os dedos na mesma posição da saudação e atirando a cabeça para trás. A um dado sinal do Aquelá ou Mór, iniciam dizendo: A que — lá — fa — re — mos — o — melhor! (não em latidos entrecortados, mas como um uivo prolongado, com exceção da palavra "melhor" que é dita rapidamente). Ao terminar a palavra melhor, de um salto colocam-se todos de pé, com as mãos colocadas na cabeça e os dedos indicador e médio, juntos. O mór ou um primo designado anteriormente, dá uma passo em frente, baixa a mão esquerda, fazendo com a direita a saudação diz: O — melhor — melhor — melhor! em quatro latidos rápidos, e ao terminar, baixa rapidamente a mão direita. Neste instante os lobinhos baixam a mão esquerda, e fazendo a saudação com a mão direita, respondem: Sim, o — melhor — que fôr — possível! Terminando todos baixam a mão e ficam em posição de sentido, aguardando nova ordem.

Lembramos aos prezados chefes, que o Grande Uivo é uma renovação

(Cont. na pág. s'g.)



LOBISMO



Hernani A. F. Chaves
Comissário de Lobinhos
da Região do R. G. S.

UM MAL ALARMANTE

Em 1907 criou Baden Powel o Escotismo, destinado a meninos de mais de onze anos. Logo os meninos de nove ou dez anos, iniciaram a pedir que os deixassem ingressar nos grupos escoteiros, tornando-se mesmo importunos, conseguindo desta maneira algumas vezes a serem aceitos nos grupos, o que era de certo modo prejudicial ao escotismo.

Dando-se conta disto, e ainda mais, que os meninos nesta idade, pelo seu caráter facilmente impressionável e pelo seu desejo em submeter-se ao adestramento escoteiro, apresentavam grandes possibilidades, apresentou B. P. em 1914 as primeiras diretivas para o Ramo de Jovens Escoteiros.

Com o passar dos anos, e com a aparição de grupos de Jovens Escoteiros, o fundador do Escotismo foi aperfeiçoando o novo ramo, até chegar ao Lobismo de nossos dias, com muita diferença porém, do escotismo, apesar de ser um dos ramos do Movimento Escoteiro.

Quer nos parecer entretanto, que um grande número de Chefes Escoteiros, desconhecem o que acima expomos. Para eles, Lobismo é Escotismo com pequena diferença de termos e provas, ou pelo menos, Lobismo é Escotismo diluído. Este é um mal alarmante do Movimento em nosso Estado.

Decorrente desta maneira de pensar, encontramos muitos Grupos com elementos na idade de lobinho, pertencendo a uma tropa de escoteiros, muitas vezes com uniforme, e a Promessa feita, e o chefe crendo agir certo, vai levando desta maneira a situação, não se interessando por formar uma Alcatéia junto ao grupo escoteiro.

Por outro lado, encontramos elementos que já foram Chefe de escoteiros, ou que, de uma maneira ou de outra conheceram o sistema Es-

coteiro, os quais em virtude de seu pensamento errôneo, ao tomarem conta de uma Alcatéia, transformam seus lobinhos em "escoteirinhos", isto é, aplicam apenas superficialmente o Lobismo, quanto a seu uniforme e provas, sem conhecer devidamente seu método e os porquês deste ramo.

O terceiro caso que se nos apresenta, é o do Chefe que tem sua Alcatéia em atividade, muitas vezes com um ótimo Aquelá, que por não conhecer os outros ramos do Movimento, permite que os lobinhos façam atividade junto com escoteiros, contra a vontade do Aquelá, e contrariando o Regulamento Técnico, e muitas vezes em atividades prejudiciais ao menino, como acampamentos, assaltos e outras atividades, próprias somente para meninos maiores, ou seja, já em idade escoteira.

Analizemos as causas deste mal. De um modo geral os Chefes esquecem que o Escotismo possui quatro Ramos, e não somente aquele de que ele faz parte, desinteressando-se assim do conhecimento mais profundo das outras faces do Movimento. Tão longe levam seu desinteresse influenciando ainda seus elementos, que vêm a criar um clima de incompreensão dentro da associação, e mais tarde torna-se um verdadeiro sacrifício ao menino, ter de passar a outro ramo.

Para vós chefe, que agiste erradamente com os meninos que ainda não tem idade suficiente para pertencerem ao Grupo de Escoteiros, aconselhamos a leitura de "Lobinhos" de Gilcraft (tradução em Espanhol: "Lobatos").

Continuamos porém afirmando de que Lobismo não é Escotismo diluído. Sendo o Escotismo Pedagogia, e tendo esta como uma de suas bases a Psicologia, não podemos igualar totalmente, sistemas de educação destinados a meninos de diferentes ida-

Como se Constrói uma Galena

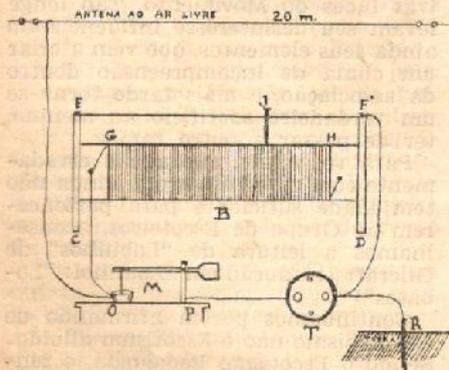
Helmuth A. Rüdiger

O escoteiro quando está no acampamento após os exercícios, passeios, jogos e afazeres do dia, bem que gostaria de ouvir um pouco de rádio. Isso na maioria das vezes não é possível por estar o acampamento afastado de instalações elétricas. Há entretanto uma maneira simples e econômica de se ouvir música ou outros programas de rádio, pela galena. Para quem ainda não ouviu falar em galena, podemos dizer que este é o aparelho de rádio mais simples que existe, podendo ser construído por qualquer um, e que tem como principal vantagem não necessitar de eletricidade para o seu funcionamento. Eis porquê constitui o receptor ideal para o escoteiro habilidoso, que quer um entretenimento para si e seus companheiros nos momentos de descanso do acampamento.

Vejamos então como se constrói a galena:

A primeira peça a ser feita será a bobina, indicada pela letra "B" na figura. Esta bobina é constituída por uma peça de madeira, redonda, de 15 cm. de comprimento e 3 cm. de diâmetro. Um pedaço de taquara também pode servir, desde que satisfaça as dimensões acima indicadas. Em cima desta peça de madeira, enrolar-se-á, bem encostadas uma volta à outra, um fio de cobre, de mais ou menos 25 metros de comprimento, e com a grossura de 1 milímetro. Este fio deve ser isolado ou esmaltado, e as pontas prender-se-ão na peça de madei-

de mais ou menos 8 cm. de comprimento. As extremidades C e D do sarafinho servirão para fixar a bobina na tábua ou caixa onde o leitor quiser montar a sua galena. Na parte da bobina que ficar para cima, deve-se raspar os fios, desde a ponta "G" até "H" numa faixa de 1 cm. de largura. Naquela parte portanto, os fios ficarão desencapados. Nas pontas "E" e "F" dos sarafos, prenderemos um arame de cobre bastante grosso. Este arame deve estar desencapado. Neste arame correrá um cursor "J" que fará contato com a parte superior da bobina, que está desencapada. O cursor "J" pode ser feito de qualquer pedaço de metal, ou então por dois pregos bem ligados entre si, passando no meio deles o arame "E" — "F". Devemos agora comprar um cristal de galena com o seu braço de contato (conforme figura, letra M). Aproveitemos a caminhada para adquirir uma tomada (T), e os fones. Com todos estes apetrechos, já estamos aparelhados para construir a nossa galena, muito cuidado porém com as ligações. Estas poderão ser feitas com quaisquer pedaços de fios velhos que temos em casa, desde que estejam encapados. Liguemos com um fio a extremidade "G" da bobina até o contato "O" do conjunto em que está preso o cristal da galena. Neste mesmo contato (O) prenderemos outro pedaço de fio que depois ligamos à antena. Do outro contato (P) do cristal, ligaremos um fio que vai até um dos pólos da tomada (T). Do outro pólo desta tomada (T), puxaremos dois fios, sendo que um será preso à ponta "F" do arame em que corre o cursor, e o outro servirá para depois ligarmos ao terra (R). Estas ligações deverão ser bem feitas e firmemente presas nos seus contatos respectivos. Já estamos quase prontos, devendo apenas ligar a antena e o fio terra. A antena deve ser feita ao ar livre, e deverá ter uns 20 metros de comprimento e estar pelo menos 4 metros acima do sólo. Este fio para a antena, pode ser comprado em qualquer casa de artigos elétricos. Deverá estar bem isolada por meio de isoladores de porcelana, das árvores ou mastros em que a prendermos. Da antena baixaremos um fio encapado, que prende-



ra por meio de um pequeno prego ou tachinha. Nas extremidades da bobina, pregar-se-ão dois sarafinhos

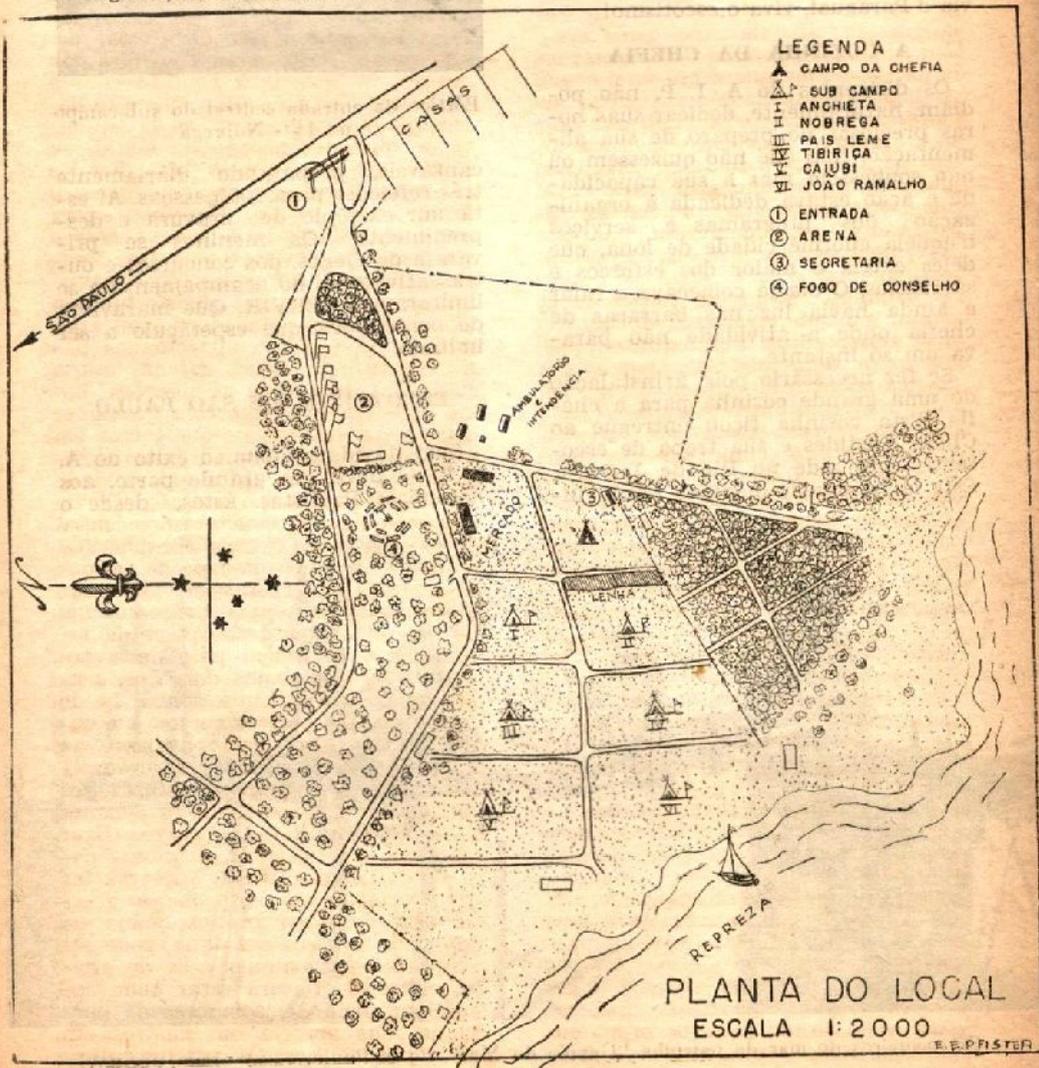
mais graduado chefe, ao mais modesto escoteiro, não mediram esforços para que nada faltasse, para que nada ficasse incompleto nos campos de Interlagos. Quantas reuniões para estudo e preparação dos programas. Quanto sono gasto em preparar aquele campo lindo e inesquecível de Interlagos. Quantos domingos gastos nas instalações dos diversos serviços. Quantos sacrifícios e trabalhos, cujos executores ficarão para sempre incógnitos e desconhecidos.

Médicos, enfermeiros, bombeiros e policiais do acampamento; serviços de higiene, de abastecimento e inten-

dência; pessoal de portaria, de jornal, de secretaria e de compras; comissões de recepção e de transportes; chefia geral e de sub-campos; Escoteiros de São Paulo, pelo vosso sacrifício e idealismo, a juventude vos agradece, pelo tudo que fizestes pelo bem estar e Paz do Mundo, porque nós trouxemos para nossos lares a vossa mensagem de amizade.

ESCOTEIROS GAÚCHOS! Ai estão os fatos. Ai está uma pequena mostra do que foi o ESPIRITO ESCOTEIRO no A. I. P.

O que vimos no A. I. P. foi algo de assombroso...!!!



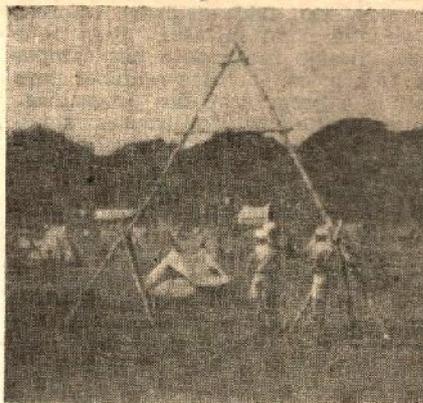
Delegações de todo mundo ali presentes, realizar no local do litígio de fronteiras, um acampamento de fraternidade e amizade. E para selar este pacto de amizade às suas nações e à juventude, aqueles dois insígnies chefes trocaram de lenço perante Deus, no momento da Elevação da Hóstia, na Santa Missa do Acampamento. Momento sublime de humildade, momento histórico de heroísmo, em que os homens de mente esclarecida, juraram perante o Creador e Senhor Nosso, preservar a juventude, das guerras degradantes de extermínio.

Ai está o Espírito Escoteiro... Bolívia e Paraguai, viva o escotismo!

A COZINHA DA CHEFIA

Os dirigentes do A. I. P. não podiam, naturalmente, dedicar suas horas preciosas no preparo de sua alimentação. Não que não quizessem ou não soubessem mas a sua capacidade e ação estava dedicada à organização dos programas e serviços d'aquela enorme cidade de Iona, que deles exigia o maior dos esforços e sacrifícios. O dia já começava a raiar e ainda havia luz nas barracas de chefia onde a atividade não parava um só instante.

Se fez necessário pois, a instalação de uma grande cozinha para a chefia. Esta cozinha ficou entregue ao Chefe Aristides e sua tropa de escoteiros com sede no Rio de Janeiro. Este chefe e seus meninos foram in-

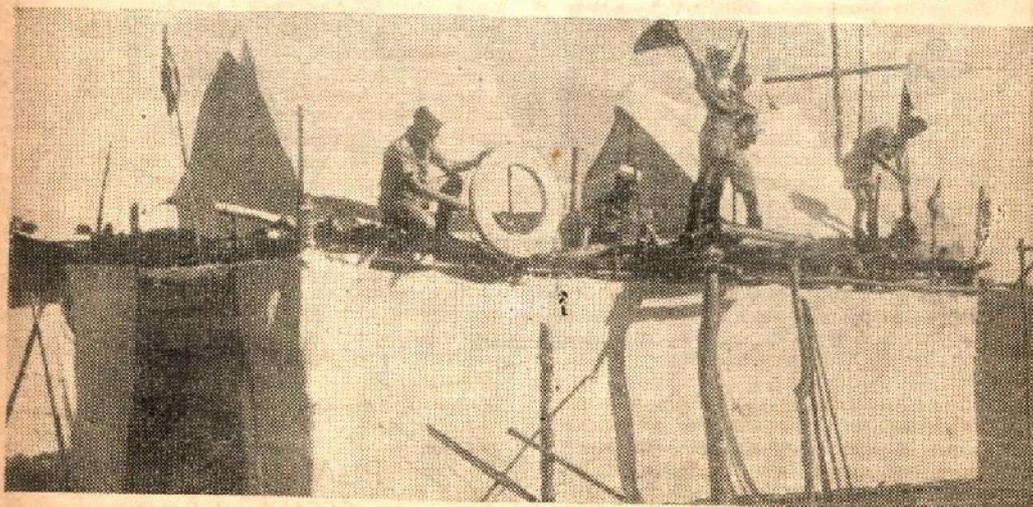


Pórtico da entrada central do sub-campo n.º 11 - Nóbrega

cansáveis, preparando diariamente três refeições para 200 pessoas. Ai está um exemplo de bravura e despredimento. Os meninos se privaram dos jogos, dos concursos e outras atividades do acampamento e se limitaram a SERVIR. Que maravilha de boas ações, que espetáculo a ser imitado.

ESCOTEIROS DE SÃO PAULO

Sem dúvida alguma, o êxito do A. I. P. se deve, em grande parte, aos Escoteiros Paulistas. Estes, desde o



Os escoteiros do mar da patrulha "Gavião do Mar", de S. Paulo, construíram um navio em terra firme

SACRIFICIO DA DELEGAÇÃO BOLIVIANA

A delegação Boliviana nos deu um exemplo de sacrificio. Atravessando a América de Pacífico a Atlântico, tiveram que viajar 14 dias, usando os mais diversos meios de transportes, desde o 'infante', à canôa indígena, concluindo parte da viagem em trens de carga completamente abertos, sem abrigo e sem proteção alguma, na nova Estrada de Ferro Trans-Andina Vera Cruz, ainda não inaugurada. Ai estão os sacrificios e os obstáculos vencidos pela sêde de amizade e fraternidade.

A DELEGAÇÃO PORTUGUESA...

Os portugueses se destacaram pela



Os arquitetos-escoteiros demonstraram suas habilidades por todos os recantos do Acampamento Internacional de Patrulhas

alegria e vivacidade que irradiavam. Vindos de além mar, vencendo os maiores sacrificios, encontrando um clima adverso, souberam manter sempre acesa a chama do Ideal Escoteiro, que tão bem caracteriza aos Escoteiros de Portugal.

Leais e sinceros, alegres e audazes, os portugueses foram os amigos de todos no acampamento, pois fizeram amizade com todos os acampantes.

CEARENSES

Para se aquilatar o heroísmo dos Cearenses, é necessário que se saiba o que são 'Paus-de-Arara'. Este termo é empregado aos caminhões de carga, com bancos rudes de madeira, atravessados, onde se amontoam os nordestinos que fôgem das agruras do sertão, rumo às cidades do centro e

sul. O que se sente, e o que se passa nestas viagens, somente Deus sabe, pois os passageiros são às vezes assaltados e despojados de seus haveres, pelos próprios dirigentes dos veículos e abandonados no sertão.

Pois os nossos bravos irmãos cearenses, vieram de Pau-de-Arara, viajando 13 dias empoleirados e apertados em um pequeno caminhão.

E, não fosse a coragem dos chefes cearenses, teriam sido despojados e abandonados á sua sorte, a beira dos caminhos.

DE NOVO OS URUGUAIOS

Por certo que todas as delegações prepararam-se para apresentar o melhor e mais prático material de campo no A.I.P. E os nossos irmãos do Uruguai não ficaram atraz. Material novo, barracas especiais, tendas para refeitório, panelas de embutir, etc. No entanto, este material que havia sido despachado por estrada de ferro, até hoje não chegou em Interlagos. Nossos amigos tiveram que pedir pouxada nas barracas de outras delegações. Então, tropas de S. Paulo, emprestaram barracas e demais utensílios de campo para as patrulhas Uruguaias que, com este material souberam improvisar ótimos acampamentos. E nem por isto diminuiu a alegria ou o entusiasmo nos rapazes da República Oriental. Nós mesmos iam à noite, no campo de chefia dos uruguaios, gozar alguns minutos daquela vida contagiante e sorver o chimarrão que acaricia e mata as saudades dos Pagos.

A este espírito de bravura e abnegação, de domínio e de luta, eu chamo de Espírito Escoteiro.

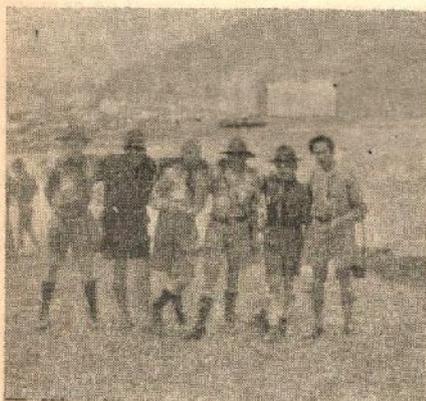
PACTO PARAGUAI - BOLIVIA

O Paraguai e a Bolívia, duas nações sul-americanas limitrofes, há anos lutam por um território em litígio. Estas lutas já tingiram com muito sangue de jóvens, as bandeiras das duas nações.

Vidas estraçalhadas pela falta de compreensão e ambição dos homens. No A.I.P. estavam acampados, ombro a ombro, patrulhas escoteiras das delegações dos dois países, usufruindo, sem animosidade, das alegrias do acampamento. Os dirigentes de ambas delegações, ex-combatentes daquelas guerras de litígio (com o corpo cheio de cicatrizes), juraram, dentro dos princípios escoteiros, terminar com as guerras entre os povos vizinhos, e se comprometeram, perante as

as bagagens dos outros passageiros, tanto para um trem como para outro. O local era deserto e o sol causticante. Apenas um cristalino riacho brincava entre as rochas, amenizando a paisagem.

A demora de nosso trem dependia agora, do transporte da carga, de uma para outra composição. Enquanto os menores preparavam em pleno campo, as refeições para as patrulhas, os pioneiros e os escoteiros maiores também, botaram mãos a obra. Foram mais 6 horas de trabalho forçado, mas finalmente, depois de toda carga acomodada, ainda sobrou um lugarzinho para os 62 gaúchos em cima das caixas. Viajamos assim, a-



Unidos pela Fraternidade Escoteira. Da esquerda para a direita: Brasil, Portugal, Argentina, Bolívia, Chile e Uruguay.

montoados e apertados, mais de 6 horas, e em Pôrto União conseguimos finalmente, sentar em um carro a vontade.

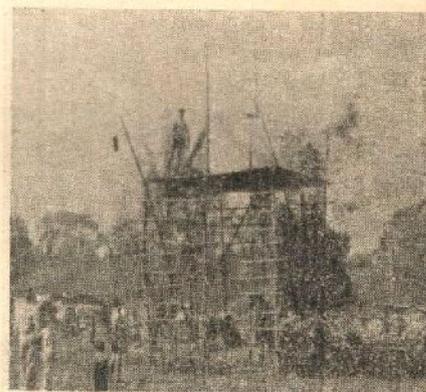
Afora a falta de tudo, apenas os incidentes da descida da serra vieram quebrar a calma desta viagem. Era alta madrugada, e a composição descia a serra em Sta. Maria. Com excessão dos chefes de ronda, todos dormiam no vagão. A composição andava a grande velocidade, súbito ouve-se o ranger de ferros e o apito estridente da locomotiva que lança o seu grito de 'alerta!' Em virtude do pêso, a composição adquiriu tal velocidade que a máquina não conseguia frear, sob pena de se despencar no abismo. Não fôra a existência providencial de um desvio, e talvez não sobraríamos para contar a história. Ainda na mesma serra, no local denominado Pedreiras, a façanha se repetiu. Mais tarde ainda, num sêrro já próximo a

P. Alegre, a composição se rompe, ficando os três carros dormitórios e o nosso, que compunham o final da composição, correndo em marcha a ré a coxilha abaixo. Graças a rápida ação de alguns pioneiros que fizeram funcionar os freios de emergência, nada houve de anormal.

Assim cheios de alegria, depois de uma viagem 'calma' e de gratas recordações, chegamos aos nossos queridos lares, prontos para novas aventuras.

CONFRATERNISAÇÃO GAÚCHO-URUGUAIOS

Em nosso coração escoteiro, ficou uma marca profunda de amizade. Foi a marca da passagem da Delegação



Pôrtico Arquitetônico de uma das patrulhas de Portugal. Os rapazes portugueses demonstraram um elevado espírito de cortezia e camaradagem

Uruguuaia. E por isto reservamos um capítulo especial para êste encontro inesquecível. Já vimos que na ida, encontramos os Uruguaios 'encalhados' em Sta. Maria por falta de transporte, e logo nos prontificamos em ceder um dos nossos vagões. Desde logo Uruguaios e Gaúchos se entenderam mutuamente, pois falavam a linguagem sincera do coração escoteiro. E desde os primeiros instantes, até o final da viagem, não se distinguia quem era gaúcho e quem era uruguuaio. As canções eram em ambas as linguas e as trocas de chapéus dos gaúchos por górrros uruguualos, tornava difícil uma distinção entre os rapazes.

Também os chefes confraternizavam, trocando idéias sôbre as atividades futuras, empenhados que estavam no bem estar daquela grande família, porque de fato éramos todos irmãos.

em Iraí, sem conseqüências graves, mas que nos atrazou 24 horas. Aproveitando esta parada forçada, o chefe Padre José Losciale rezou missa na Matriz local, que foi assistida por todos componentes das delegações Uruguaya e Gaúcha, independente do credo religioso. E até São Paulo, afora o atrazo total de 40 horas e as dificuldades já citadas, nada mais houve digno de nota.

Chegamos a São Paulo dia 25 a noite, e fomos recebidos pelos Chefes Mauro Galiez e João Ribeiro dos Santos, respectivamente Comissário Internacional da U. E. B. e Comissário Geral de Lobinhos. Em onibus especiais, rumamos diretamente para



Tôdas as manhãs, a bandeira Farrroupilha era hasteada no campo de chefia dos gaúchos.

o campo, em Interlagos, onde nos aguardava alimento e repouso.

Sôbre o local e a disposição do Acampamento, vocês devem ter lido na revista Alerta.

Nossas patrulhas foram distribuídas entre os 6 sub-campos, ficando a equipe de pioneiros no campo da chefia, para serviços auxiliares de policiamento, ronda, portaria, etc. onde se destacaram pela dedicação e trabalho.

A organização do Campo foi perfeita, sendo previstas tôdas as dificuldades que pudessem surgir. E a dedicação dos chefes dirigentes, foi algo a ser imitado, e que só se consegue, no nosso Movimento.

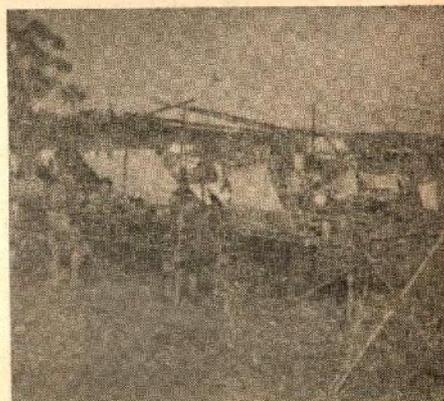
Os dias do Acampamento passavam-se céleres e, desde a alvorada ao Fogo de Conselho, as atividades e os jogos, davam um caráter festivo a

tudo e a todos, estampando-se nos rostos de cada um, uma alegria sadia, uma alegria sincera, de quem tem a consciência pura do dever cumprido.

As disputas tôdas, tinham aquêlo "tic" tão nosso, característico de lealdade, e o Fogo de Conselho fundia a todos num fraternal clarão, iluminando as almas e os corações com chama viva do amor em Cristo.

E assim passaram-se os dias. Cheios de aventuras, de novas amizades, de novos exemplos de bravura e abnegação. E chegou o dia das despedidas.

Reunidos todos na arena principal, foram entoados hinos de amizade, e



Uma das patrulhas uruguayas. Mesmo sem o seu equipamento próprio "los ticos" de mostraram um alto nível de disciplina e espirito escoteiro

"Bravos" de satisfação por mais esta vitória do Ideal Escoteiro. Lágrimas rolaram, e as delegações partiram, mas parte de nosso coração, ficou lá nos campos de Interlagos, naquela cidade de lona.

VOLTAM OS GAÚCHOS

Não menos atribulada do que a ida, foi nossa longa viagem de volta. A principal dificuldade foi a acomodação, mas esta foi conseguida pela equipe de pioneiros, a custa de "pequenas alterações". Mas o pior estava reservado paara a madrugada do dia seguinte. Havia um descarrilamento de trens e teríamos que baldear para outra composição, além do trem acidentado. Nossos rapazes passaram tôda a bagagem para o outro trem, mas nós não tínhamos acomodações. Pasamos então a transportar

ACAMPAMENTO INTERNACIONAL DE PATRULHAS

A. I. P. E o ESPIRITO ESCOTEIRO

Escoteiros gaúchos! O que vimos no Acampamento Internacional de Patrulhas, em Interlagos, foi algo assombroso. Era o Escotismo dando os seus verdadeiros frutos, pela vez primeira em tão larga escala no Brasil. Jovens de todos os quadrantes do mundo, compartilhando fraternal-

Lino Schiefferdecker
Com. Técnico Regional

mente das alegrias do acampamento; da sã camaradagem; dando aos povos uma lição de civilidade e um exemplo de Paz, através do Trabalho, do Amor e do Sacrifício. Era o Espírito Escoteiro em Ação!

E o que entendemos por Espírito Escoteiro?

Espírito Escoteiro é a vida contínua da Promessa e da Lei Escoteira. É fazer da Lei Escoteira uma norma de vida, fazendo da Pureza um escudo; da palavra e da honra um código; da lealdade uma profissão de fé; ajudando aos necessitados; protegendo aos fracos; praticando a Boa Ação diária; estar SEMPRE ALERTA para SERVIR com abnegação e alegria; amando ao próximo por amor a Deus.

Espírito Escoteiro é luta e sacrifício; é pureza e lealdade; é bondade e auxílio; é abnegação, é amor e alegria. E foi isto que tivemos o privilégio de assistir, vivido por aqueles meninos naquela cidade de lomas, e que passamos a relatar.

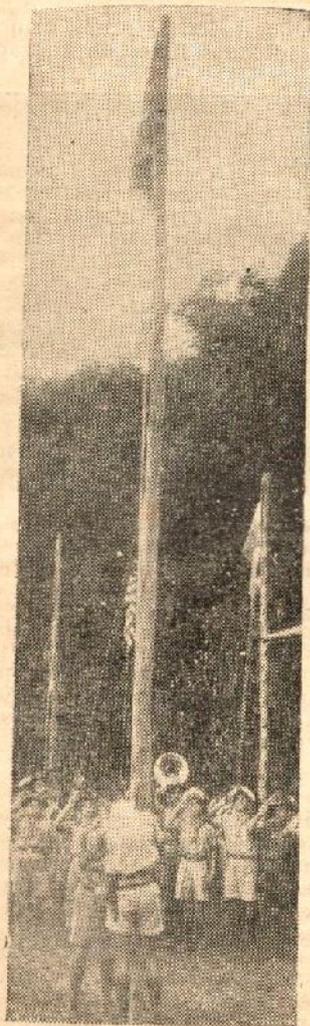
VIAGEM DA CARAVANA GAÚCHA

A Delegação Gaúcha, estava composta de 7 patrulhas escoteiras, uma equipe de pioneiros, três chefes e um assistente religioso, perfazendo um total de 62 elementos, os quais provinham de todos os recantos do Estado.

Partimos dia 21 de julho, de madrugada, e chovia tanto que até o trem usava galochas. Fomos empoleirados num pequeno carro de 1.^a classe.

Em Santa Maria conseguimos mais um carro, e houve grande júbilo entre os rapazes. Entretanto, encontramos a caravana dos "Boys Scouts Uruguayos", que não conseguiam prosseguir viagem por falta de vagão. Cedemos um dos nossos carros aos "Pibes" Uruguayos e continuamos amontoados em nosso pequeno 1.^a classe.

Seguiram-se tantas façanhas que somente o polimento e a cortezia dos escoteiros gaúchos soube suplantar. Falta de espaço, falta de local para dormir, falta d'água, comida escaça. Só o que não faltou foi bom humor e alegria. Houve um descarrilamento



Ponto culminante da cerimônia de inauguração do Acampamento; o hasteamento da Bandeira Brasileira

local, os objetos estragados, as bobagens que ali havíamos colocado por móveis simples e agradáveis; cada um teve que confeccionar seu banquinho: Pedrinho encarregou-se auxiliado pelos menores, da confecção de uma mesa, um armário e uma biblioteca: Paulo encarregou-se de construir por si mesmo, a lâmpada e os cabides.

Mostrei-me muito exigente na confecção destes móveis, que, queria fossem sólidos, práticos e de bom gosto. Antes de mais nada, Santiago, nosso encarregado do material, discutiu o problema com Tony, nosso tesoureiro, afim de prover a patrulha das devidas ferramentas e demais materiais adequados. Chegamos assim a possuir uma pequena oficina, onde todos podem vir trabalhar.

Enriquecemos aos pouco nosso 'canto', com um quadro com a lista dos escoteiros da patrulha, desde a sua fundação, incluindo os que já não se encontram na tropa, o grau técnico atingido individualmente, bem como todas as especialidades dos mesmos; também o emblema da patrulha não foi esquecido, uma cegonha, embalsamada por Bernardo que a trouxe de uma de suas viagens. Enfeitamos em parte as paredes com modelos de trabalhos de pioneiria, realizados nas reuniões regionais dos últimos anos.

O que mais me orgulha é que todos os escoteiros da patrulha colaboraram eficazmente e com entusiasmo para o adorno de nosso 'Canto de Patrulha'.



Organizei igualmente um concurso, para que cada um executasse da melhor maneira possível o seu banquinho e ornamentasse seu bastão escoteiro. Chamamos hoje o nosso canto de patrulha de "NINHO", nome muito adequado para as cegonhas.

O EQUIPAMENTO DA PATRULHA

O material de campo da tropa, foi dividido entre todas as patrulhas. Temos dessa maneira nosso material completo para os acampamentos e demais atividades. Santiago, nosso encarregado de material, é o responsável pela conservação e cuidado desse material; discute com tesoureiro e o monitor os gastos para sua conservação, no que também somos auxiliados financeiramente pela caixa da tropa. O chefe impôs a tropa uma regra ótima: 'o material encontrado e não marcado, pertence a tropa, que somente o devolve mediante o pagamento de uma multa, ou o revende para seu próprio proveito. Tal nos obriga a estabelecer bons costumes e boa ordem.

Tive bastantes dificuldades para conseguir que os escoteiros da patrulha zelassem e cuidassem de nosso material. Faz um ano, a barraca voltou do acampamento com um rasgão imenso, o material de cosinha frequentemente voltava mal lavado, o cabo da machadinha lascado, etc., então só ficava uma solução: comprar uma barraca nova, outro cabo de machadinha, panela etc.; tal teve por consequência um grande desfalque em nossa tesouraria.

O material é caro, necessário se torna pois, uma economia; sem dúvida que o cuidado, o zelo pelo nosso equipamento é um trabalho de cada dia, tanto antes de usá-lo como depois das atividades; as barracas, os cabos, as lonas e os sacos, devem estar completamente secos antes de serem guardados, fato este que deve ser providenciado tão logo se tenha regressado das atividades. As ferramentas devem ser afiadas e engrachadas para que não enferrujem. O material de cosinha deve ser conservado bem limpo.

Não tardei em dar-me conta de que Santiago, nosso encarregado do material, não bastava para este trabalho, e dei um auxiliar, Felipe, o 6.º escoteiro da patrulha.

Nosso equipamento de patrulha compõe-se de:

- barraca de patrulha para 7 escoteiros, com 12 estacas.
- Lona para forrar o chão da barraca (indispensável).
- 2 painelas com tampa e alça, e seus respectivos sacos de cobertura.

Cont. na pág. 18



TUA MISSÃO MONITOR

Por P. L. Philippe

O SUB-MONITOR DAS CEGONHAS

Paulo, meu sub-monitor, sempre foi um escoteiro da patrulha. Escolhi-o de comum acôrdo com os chefes da tropa, e não hesitou em aceitar êste cargo de confiança. Antes pois, de poder contar com êle, tive que escolhê-lo e formá-lo.

Somos uma parelha de verdadeiros amigos, uma parelha sólida e a tôda próva, que trabalha como um só homem, no adestramento e serviço da patrulha. Tal, entretanto, não impede, que a patrulha tenha um só chefe.

Paulo impõe-se antes de tudo por sua obediência e a mais absoluta confiança para comigo. Particularmente, quando eu me acho ausente, representa-me com a mais perfeita lealdade e o mais completo desinteresse. Praticamente nunca há 'mal entendidos' entre nós, e em todo caso, sempre cuido muito em não lhe fazer nenhuma observação diante da patrulha.

Antes de cada reunião, reunimo-nos, para preparar o que deve ser feito; peço-lhe conselhos para a formação do programa, e deixo que êle realize certas partes dêste.

Notei que Paulo nunca se acha desocupado; sabe tomar iniciativas, principalmente no que se refere a organização e a técnica, que me tomariam tempo demasiado. Deixo-lhe completa liberdade. Zêla pelo equipamento da patrulha, seu arranjo e preparação para as excursões, sempre com auxílio do encarregado do material. Cuida para que a apresentação de nossos escoteiros seja sempre regulamentar e apropriada, e de que cada um leve devidamente colocados os seus distintivos. Agrada-lhe ocupar-se do bom aspêto, aparência e elegân-

cia da patrulha, enfim, sempre está pronto para qualquer eventualidade, desempenhando plenamente a sua missão.

Quando à técnica, dedica-se a preparação das Especialidades, para o que também auxilia os escoteiros; é ademais um acampador experimentado, e solicitou-me, deixasse a seu encargo o adestramento da patrulha em campismo, no que consenti alegremente.

Paulo acompanha-me sempre ao Conselho dos Graduados, onde entretanto, não tem direito a voto, onde, porém, pode falar com a autorização do chefe de tropa e do guia. Quando me encontro ausente, representa-me nêstes atos, para o que conta com plenos poderes de minha parte.

Em resumo concorda perfeitamente com a definição de sub-monitor, e sei que pode substituir e suceder-me. Não seria necessário dizer aqui que o considero como o melhor técnico entre os escoteiros da patrulha, e creio que em questão de dois anos será um ótimo monitor.

O CANTO DE PATRULHA

Devo confessar que durante muito tempo descuramos da decoração de nosso canto de patrulha. Era algo impessoal: os móveis não eram sólidos e a gente não se sentia a vontade.

Porém, desde que Pedro, nosso habilidoso escoteiro dedicou-se a adornar o local, e entusiasmou-nos a auxiliá-lo, a patrulha torna constantemente a êste verdadeiro lar, onde nos sentimos completamente como que em casa.

Pedro procedeu, porque não dizê-lo, com autoridade. Substituiu suas paredes desnudas, a desordem do

UMA BOA AÇÃO

Diversos escoteiros dos grupos de Pôrto Alegre, atendendo a uma solicitação que nos dirigiu a Ação Cívica Brasileira, prestaram sua 'Boa Ação', ao povo da Capital, no dia 3 de outubro p.p.

Postados em diversas mesas distribuídas pela Ação Cívica Brasileira por vários pontos da cidade, os escoteiros muito auxiliaram aos eleitores, na localisação da mesa em que estes deveriam votar. E assim auxiliando à Pátria e ao Próximo, prestaram uma grande 'Boa Ação Coletiva'.

Educar os filhos sem instrução religiosa, equivale a destroná-los da inenarrável grandeza de filhos de Deus.

D. Sebastião Leme

Acendendo pequenas luzes sucessivas, de força de vontade, geramos por fim, um clarão que nos ilumina a existência.

Alex Carrel

ASSOCIAÇÃO 'GUIA LOPES'

Em 1936, surgiu em Pôrto Alegre um movimento de expansão do escotismo nos colégios públicos, tendo a frente a Exma. Sra. Camilo Furtado Alves, e o saudoso chefe Alfredo de Oliveira Mariante.

Em quasi todos os grupos escolares, fôram fundados pequenos núcleos escoteiros, mas como todo movimento em massa, estava fadado ao insucesso, pois a falta de diligentes não poderia dar a todos os grupos a eficiência desejada. Dois anos passaram-se nesta experiência, findo os quais, o chefe Mariante reunia aqueles pequenos grupos numa só associação e, em 12 de dezembro de 1938 fundava a Associação Guia Lopes, que este mês festejou seu 16.º aniversário de atividade.

De eficiência e boa orientação da Guia Lopes, provam sua constante atividade, a formação de três 'Escoteiros da Pátria', e o fato de a maioria de seus pioneiros estarem exercendo o cargo de sub-chefes e chefes de outros grupos escoteiros ou alcatéias, além de efetiva participação na vida administrativa da Região como no Comissariado Técnico, na cantina, na biblioteca, no 'Escoteiro Gaúcho', e como encarregados da Casa de Campo.

Seu efetivo e direção atual é:
Alcatéia: 10 lobinhos — Aquelá: Hernani A. F. Chaves; Balú; Laci Minossi;
Baghera: Paulo Jacques dos Santos.
Clã: 10 pioneiros — Mestre: Lauro P. Nunes; Assistente: Antonio H. Canal.

A PALAVRA DO CHEFE

(Cont. da pág. ant.)

so mostra, que tendes dentro de vós um bom espírito, cheio de boa vontade e amizade.

Já vos tenho dito, que para seres verdadeiramente um homem, um tipo de bem, é preciso ter corpo são, e cérebro inteligente. Porém, um assassino pode ter um e outro. Então, é preciso ainda uma terceira cousa para fazer um homem de coração, que é: "o bom espírito que mostrais em tôdas as vossas empresas.

Baden Powell.



A Palavra do CHEFE

(II)

O SORRISO DO ESCOTEIRO

Já alguma vez tendes estudado os dez artigos da Lei do Escoteiro? Sim, sei que o haveis lido e recitado como uma lição da escola. Porém, não é isso que eu quero dizer. Quero dizer o seguinte: Haveis pensado cuidadosamente em os pôr em prática na vossa própria vida?

Creio realmente que todo escoteiro que o faz e que segue absolutamente a Lei Escoteira em seu trabalho diário, e em seus jogos, não somente como rapaz, senão mais tarde ainda como homem, não pode deixar de ter êxito na vida.

Tomai como exemplo o oitavo artigo da Lei, que diz: "O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades. Esta parece uma lei muito ridícula, mas se a puserdes em prática, particularmente o sorriso, vereis que no perigo, no desgosto, na doença e ainda no caso de cair num engano, se vos esforçardes por sorrir, desaparecerão metade das dificuldades. O fato de sorrir vos faz mais felizes, e faz também com que os demais, ao verem a vossa cara sorridente, sejam também mais felizes. Quando tiverdes de falar a um desconhecido, ainda que seja só para lhe perguntar um caminho, o vosso sorriso o predisporá logo a vosso favor. Posso dizer-vos: "Um sorriso é uma chave secréta, que abre bem o coração". O vosso sorri-

(Cont. na pág. seg.)

"UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO!"

Chefe Tigre

O escotismo deixa em todo o homem, que teve a ventura de passar algum tempo em suas fileiras, traços indeléveis que perduram por toda a sua existência.

E' comum encontrarmos senhores idosos, acompanhando seus netinhos, que ao verem passar um grupo de escoteiros relembram, com saudades, o tempo em que ufanos envergavam o mesmo uniforme, as alegres excursões, as dificuldades em um ou outro acampamento, as boas ações que juntos praticaram, enfim, uma infinidade de recordações sempre gratas.

Quantas vezes ao chegarmos a uma repartição pública, um escritório ou casa comercial, somos atendidos com toda a gentileza por pessoas que desconhecemos e que no decorrer da palestra ouvimos, com um misto de satisfação e orgulho, a expressão: "Eu fui escoteiro!". As vezes é a flôr-de-liz na lapéla que nos identifica, ou então é que somos vistos integrando um grupo escoteiro, e invariavelmente estas pessoas reafirmam os grandes benefícios obtidos através do escotismo que os ajudou a vencer no seu setor de trabalho. E' ainda o escotismo a prestar seu auxilio, quando menos se espera, como no caso que vamos narrar:

Em meados de agosto do corrente ano, com a colaboração do nosso velho amigo Arquimedes Fortini, publicamos na secção "Histórias da Cidade", mantida no jornal Fólha da Tarde, a fotografia de um grupo de escoteiros de Pôrto Alegre, apanhada no dia 15 de julho de 1914. Poucos dias após fomos procurados por um cavalheiro, já idoso, que com a mais viva emoção identificava-se como sendo um daqueles meninos que constavam da fotografia. A sua alegria ao recordar aquêles tempos de escoteiro era tão grande, que notamos seus olhos marejados de lágrimas. No final da palestra prometeu reunir todos aquêles antigos companheiros, em número de 15, para incorporados visitarem a séde da nossa Região. Trocamos nossos cartões de visita, onde apuzemos os nossos endereços. Passado mais de um mês, o nosso visitante foi vítima de grave acidente, sendo recolhido ao Hospital de Pronto Socôrro em estado de choque. No hospital, ao procurarem identificar o acidentado, encontraram como referência somente o nosso endereço. Imediatamente um carro da Rádio Patrulha veio à nossa residência comunicar o ocorrido e tomar informações, com o que foi possível avisar seus familiares. Esse velho escoteiro é o senhor Luciano Saldanha de Macedo.

Jamais poderia aquêle homem pensar que sua passagem pelo escotismo, há mais de quarenta anos, poderia ainda lhe ser tão útil.

Inúmeros são os benefícios que fruimos do escotismo em toda a nossa existência, muitos dos quais se nos passam despercebidos, e que se formos buscar sua origem vamos encontrá-la nas fileiras dêste Movimento.

São fatos concretos, como êste, que respondem bem alto àqueles que, desconhecendo o escotismo, zombam dos que a êle se dedicam.

"Uma vez escoteiro, sempre escoteiro!"

Sentimos necessária esta advertência, pois todos sabemos que sem a cooperação não pode haver progresso, e devemos nos lembrar que, não será apenas com quatro tijólos que construiremos um edifício, mas sim êstes serão somente uma pequena parte dele, mas uma parte valiosíssima que não poderemos dispensá-la.

Lauro P. Nunes

O Escoteiro Gaucho

Orgão Oficial da Região Escoteira do Rio Grande do Sul

Ano II

Dezembro de 1954

N.º 4

EDITORIAL

Com a apresentação dêste número, vencemos mais uma etapa da imensa escalada que se nos depara pela frente. Ainda que lutando sempre com várias dificuldades, como sejam: angariação de anúncios, alto custo dos preços de tipografia, etc.

Tôdas estas dificuldades são, as vezes, difficilimas de serem vencidas, e, só mesmo após melhor difusão de nossa Revista, poderemos diminuir algumas delas. Porém, uma dificuldade que é crônica, e talvez uma das mais importantes para nós, é, por outro lado, a mais simples de ser resolvida, uma vez que possamos contar com o auxílio de nossos companheiros de ideal.

Referimo-nos à cooperação dos elementos pertencentes ao Movimento Escoteiro, e em particular aos senhores chefes.

Talvez, nenhum chefe ainda se apercebeu, do quanto pode valer a sua cooperação, na manutenção de uma revista escoteira. E' valiosíssima, e sobretudo indispensável.

Não nos referimos à cooperação, no sentido de que o chefe teria de dispôr de algumas horas, para nos auxiliar em algum trabalho mental, ou mesmo braçal. Não, não é êsse o trabalho que mais necessitamos no momento, mas sim, única e simplesmente, o trabalho de, em suas reuniões de Tropa, interessar aos meninos na aquisição da sua Revista, ressaltando à êsses, o valor que tem cada assinatura para a manutenção da mesma. Porém não antes de ser o chefe, um assinante também, o que é por assim dizer, um dever seu.

(Cont. na pág. seg.)

O Escoteiro Gaúcho

SECRETARIA DE PUBLICIDADE DA REGIÃO ESCOTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL
Rua Castro Alves, 398

✱

Diretores Responsáveis:

WALTER H. RÜDIGER - Caixa Postal, 486
LAURO P. NUNES - Av. Amazonas, 1395

✱

Porto Alegre — Estado do Rio Grande do Sul — Brasil

NOSSA CAPA: Uma das patrulhas da Delegação Gaúcha ao A. I. P.
Ao fundo vê-se a Flôr de Lis por eles construída no pórtico de entrada
de seu acampamento.

"Cine - Televisão S. A."

CINETEL
Ex-CASA BLACK

✱

Aparelhagens Cinematográficas
"GAUMONT - KALEE"

Rádios e Eletrolas
"TELEUNIÃO"

Discos de todas as marcas
Material de Laboratório
Aparelhos científicos e de pesquisas
Material de ensino

✱

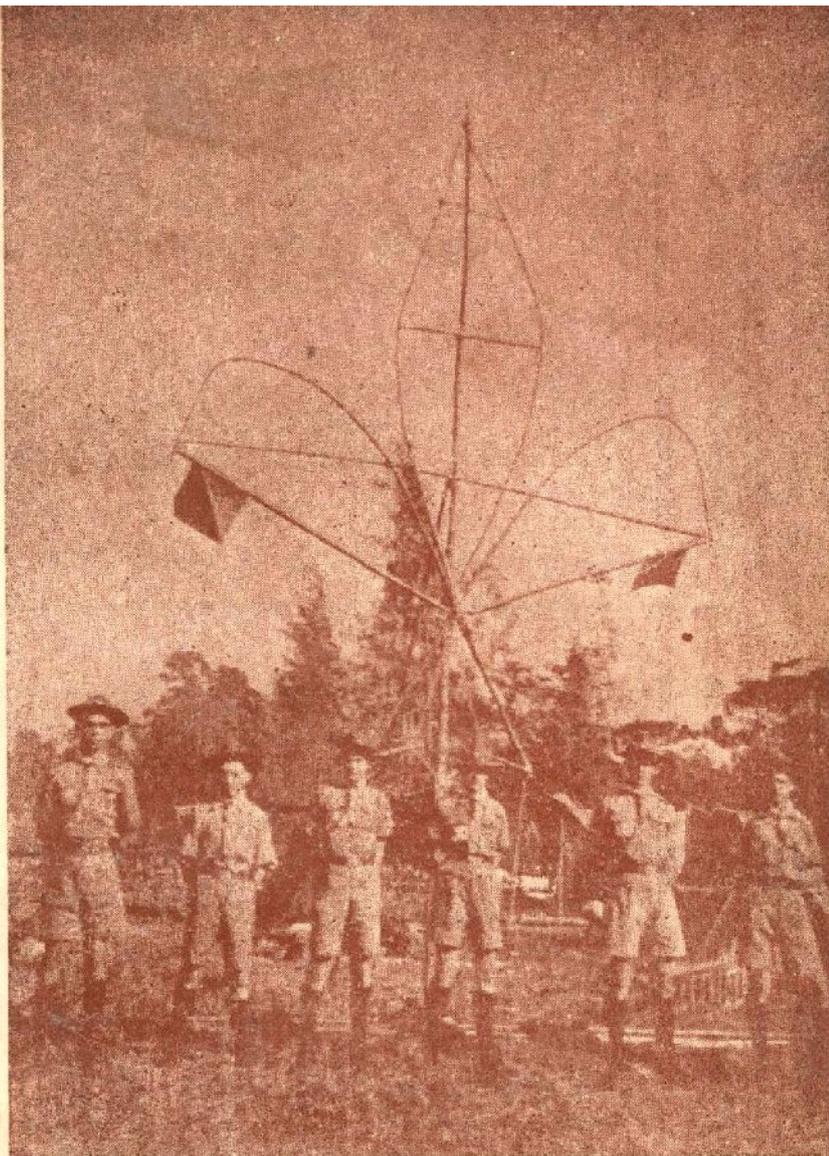
Rua Dr. Flôres, 197 - Fones: 4415 e 8482
End. Telegr. "Porcinetel"
PORTO ALEGRE

Tudo para o automóvel



Nos 4 cantos da cidade

O
E
S
C
O
T
E
I
R
O



ANO II

N.º 4

DEZEMBRO DE 1954

Gaúcho